



EUTOMIA

REVISTA ONLINE
DE LITERATURA E LINGUÍSTICA

Poesia

Micheliny Verunschki

Objecto Quase

A cadeira,
bicho doméstico,
quádrupede silen
cioso
vive em bandos.
Nada mais solitário
Do que o homem.

Um Filme Falado

Naiáde em fúria

O rio se mistura:

água com água

que em água

se disputa.

Agita a sua cauda

e o mundo se desfaz

em vagas.

A casa,

frágil embarcação

de tijolo e sonhos

dança na tormenta

e oferece em sacrifício

seus espelhos,

móveis,

labirintos,

seus abismos e um poema.

Os Imigrantes

A arquitetura

limpa

desta cidade

em contraste

com a algaravia

de membros

tripas

cabelos em cinza

dos seus habitantes

lembra que nós

não passamos de palavras.

Um Klimt

A cor falsificada,
a textura
imprecisa,
o nome esquecido
entre sinapses.

Talvez chame-se espelho
isto o que vejo.
Talvez chame-se afeto
isto o que quebro.

As cores,
ruivo,
laranja,
castanho,
branco azulado.

A palavra se perde,
mas era eu
em lâminas de ouro.

O Búzio de Cós

O búzio
sobre o móvel
celebra
o único mar
possível:
o mar cristalino e lúcido
a se quebrar
nas páginas
desse livro.

ⁱ MICHELINY VERUNSCHK é autora de três livros: *Geografia Íntima do Deserto* (2003, indicado ao Portugal Telecom no ano seguinte), *O Observador e o Nada* (Bagaço, 2003) e *A Cartografia da Noite* (2010). Escreve porque é tudo o que pode saber. Gosta de teoria literária, moda, arquitetura, design, arte de rua e, ocasionalmente, de música. É blogólatra e *workaholic*. Costuma dizer que Osman Lins é seu pastor e por isso a ela nada faltará. Já viveu muitas vidas numa só e está sempre curiosa para saber as cenas do próximo capítulo.